

Num mundo agitado, as vozes  
intemporais da Bíblia podem dar-nos repouso,  
reconhecimento e reafirmação

# Um Bom Livro Para os Nossos Tempos

*Condensado de SATURDAY EVENING POST*

STEWART ALSOP

**E**M TEMPOS agitados como o atual, os nossos antepassados costumavam procurar alívio na Bíblia. Pode ser quadrado dizer isso, mas não era uma má idéia.

Em tempos de guerra, tumulto e áspera tensão interna, a Bíblia é de fato um livro curiosamente tranquilizador. Os jovens quase não lêem mais a Bíblia. Não sabem o que estão perdendo.

Perdem, por exemplo, frases de um espírito fino e mordaz: "O gotejar contínuo no dia de grande chuva e a mulher rixosa são semelhantes"; ou: "Qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma pa-

nela, tal é a risada do insensato".

Perdem também um certo sentido do mistério e do terror da vida e da morte, que só Shakespeare transmite com a súbita e terrível força da Bíblia. Leia-se, por exemplo, o capítulo 24 de São Mateus sobre "a abominação da desolação" e sentir-se-á um arrepio de medo correr pela espinha. E não há frase que transmita mais o negro sentido definitivo da morte do que a de Jó, quando diz: "Terra de negridão, de profunda escuridade, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é tenebrosa."

A Bíblia comunica também o sen-

timento da maravilhosa continuidade e indestrutibilidade da vida humana. É isso, ao menos para mim, que torna a Bíblia uma leitura tão proveitosa. Encontra-se constantemente o lembrete de que as pessoas devem sempre agir como pessoas. Depara-se com algum traço exclusivamente humano que faz lembrar um vizinho, um amigo ou a si mesmo.

Há a rivalidade de Lia e Raquel, as eternas irmãs ciumentas. Há também a curiosidade irresistível da mulher de Ló, que não podia deixar de olhar para trás para ver a sua velha casa em Sodoma, apesar das advertências do anjo do Senhor, e que foi transformada numa estátua de sal.

Muitas vezes, uma simples frase faz um nome sem sentido ganhar vida como pessoa animada e real. Por exemplo, há o momento em que o anjo do Senhor diz a Sara na sua velhice que ela e seu marido Abraão, que tem 100 anos de idade, vão ter um filho. Sara acha graça e ri, sendo repreendida pelo anjo. Sara se justifica, dizendo: "Deus me deu motivo de riso, e todo aquê que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo."

Há Saras na vida de todos nós, graças a Deus—mulheres alegres, capazes do riso que faz outras pessoas rirem também, e "todo aquê que ouvir" se sentirá melhor com isso.

Ou então Esaú e Jacó. Esaú era um "homem cabeludo" e Jacó era

um "homem liso". Esaú, que não devia ser muito inteligente, vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó por um "cozinhado de lentilhas"—um bom prato quando êle tinha fome. Quando Jacó fêz outra artimanha com êle, Esaú se zangou. Esaú era um homem forte e Jacó chegou à conclusão que o melhor seria afastar-se durante algum tempo.

Foi viver com seu tio Labão e, graças a vários estratagemas, ficou muito rico e resolveu arriscar-se a visitar sua casa. Mandou à frente um grande rebanho de cabras e outros presentes para apaziguar Esaú. Mas, quando Esaú viu os presentes, disse a Jacó: "Tenho muitos bens, meu irmão; guarda o que tens"—e, em seguida, abraçou o irmão.

Vemos logo mentalmente Esaú—o eterno bom môço, provavelmente um pouco embaraçado, mas radiante de tornar a ver o irmão depois de tantos anos, com a sua raiva inteiramente esquecida e dizendo o equivalente bíblico de: "Tolice, Jacózinho, não se fala mais nisso."

Os jovens que não lêem a Bíblia estão perdendo sem dúvida alguns dos melhores trechos de prosa e poesia—e alguns dos mais francamente sensuais. Em matéria de sensualidade alegre e sem reservas, nada há de tão belo e inocente como o "Cântico dos Cânticos", que descreve o amor de Salomão e da sua Sulamita. É tanto um canto de luxúria como de amor, mas a luxúria é alegre e feliz. Diz a Sulamita:

“Sustentai-me com passas,  
Confortai-me com maçãs,  
Pois desfaleço de amor.  
A sua mão esquerda esteja debaixo  
da minha cabeça,  
E a direita me abrace.”

As mulheres jovens, sadias e apaixonadas são felizes, e a felicidade da Sulamita se irradia através dos séculos como a luz do Sol:

“O meu amado fala e me diz: —  
Levanta-te, querida minha,  
Formosa minha, e vem.  
Porque eis que passou o inverno,  
Cessou a chuva e se foi.  
Aparecem as flôres na terra.  
Chegou o tempo de cantarem  
as aves,  
E a voz da rôla ouve-se em  
nossa terra.”

Se há palavras que podem ter perfume de primavera e de felicidade, são essas. Sulamita envelheceu há muito tempo e há muito foi para a

“terra de negridão, de profunda escuridade”. Mas ainda há Sulamitas conosco, do mesmo modo que há Esaús, Jacós e Saras. E em todos os séculos que já passaram desde que a Sulamita foi para a terra da negridão, inúmeros homens têm sido mais felizes e melhores graças ao amor das suas Sulamitas. E as flôres ainda aparecem na terra, o tempo do canto das aves ainda chega, e em nossa terra ainda se ouve a voz da rôla.

É uma terra agitada e um mundo agitado. Mas não é preciso ser religioso para tirar da Bíblia um sentido de tranqüilidade em tempos agitados. Depois de ler trechos e frases da Bíblia, sinto-me sempre imbuído do sentimento de que Deus cumprirá a promessa feita a Noé: “Não tornarei a ferir todo vivente”; de que as pessoas continuarão a agir como pessoas; de que as estações da Terra continuarão a suceder-se através dos anos, da maneira que tanto alegrava a Sulamita de Salomão.



NENHUMA pessoa inteligente acredita em qualquer coisa que não possa ser explicada pela razão—disse o cientista.

—Bem—indagou o lavrador do Condado de Antrim—por que é que, embora todos se alimentem do mesmo campo, cresce pêlo na vaca, lã no carneiro e penas na galinha?

—*The Irish Digest*



Poucos são os que nunca tiveram uma oportunidade de alcançar a felicidade—e menos ainda os que aproveitaram essa oportunidade.

—André Maurois, em *A Uma Dama Desconhecida* (Dutton, ed.)